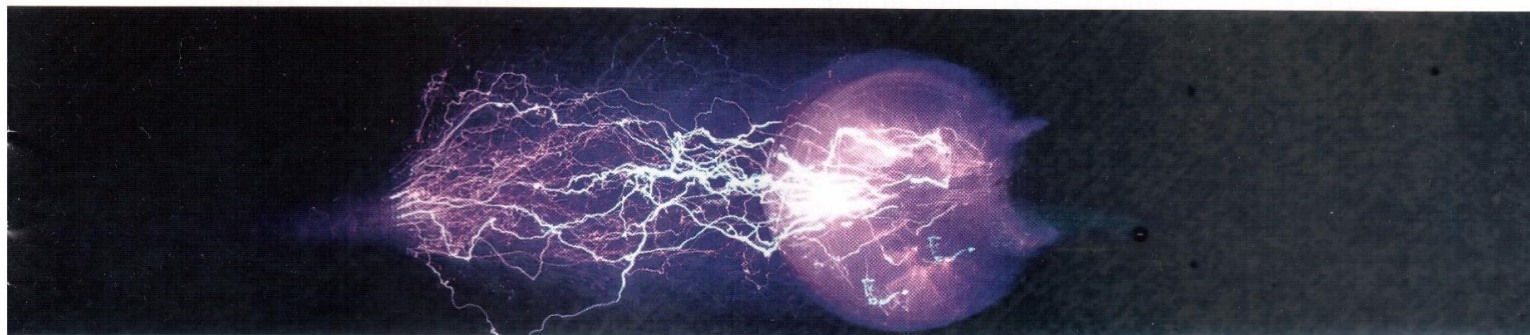


Boletim regular destacando a energia de boa vontade nas questões mundiais



PÓLOS SEPARADOS, PÓLOS UNIDOS

A POLARIZAÇÃO ESTÁ EM TODO O LADO actualmente, parece. Muitos aparentam sentir-se cada vez mais atraídos pelos extremos do debate, deixando pouco espaço para consenso. Significa isto estarmos a caminhar para tempos de conflito aberto? Ou haverá uma forma de lembrar a nossa humanidade partilhada e torná-la o factor-chave do enquadramento do debate público? Poderá a boa vontade formar a ponte a unir lados opostos? Encontrar respostas viáveis para estas perguntas poderá ser a chave para o futuro da vida no planeta.

Nesta edição, reflectimos sobre como a polarização está a ser expressa em política, em género e na identidade racial e cultural; e procuramos os sinais positivos de progresso em direcção a uma visão unificadora. É particularmente difícil reconhecer esta visão quando as vozes extremistas gritam tão alto. Gente de boa vontade deve aspirar a um ponto de silêncio interior de onde possa observar o panorama em movimento e posicionar a sua fé na natureza invencível do Bem. Como Alice Bailey observa, “o coração da humanidade é bom”, exigindo a necessidade da época formas criativas de evocar em nós e nos outros esta bondade genuína. A compaixão fervorosa por todos os que sofrem, juntamente com a vontade de ver o bem a triunfar no mundo, são as marcas dos que servem neste momento crucial. Esperamos que as ideias contidas nesta edição possam fortalecer e apoiar todos os que procuram trabalhar para um mundo onde a boa vontade seja a tónica de todas as relações.

Neste número

Polarização — Colmatando a Grande Clivagem

As pessoas sustentam o céu inteiro

Construindo a Comunidade: Fazendo a ponte entre as Divisões de Identidade Cultural

O Mantram de Unificação

Polarização — Colmatando a Grande Clivagem

UMA DAS CARACTERÍSTICAS SIGNIFICATIVAS dos últimos cento e cinquenta anos, e em particular das décadas recentes, é a percepção de polarização presente dentro da família humana nas mais variadas formas.

Editor: *Dominic Dibble*

www.worldgoodwill.org

Edição de GEM
— Grupo de Estudos Maitreya,
em português

Isto é particularmente perceptível na política, pois o conflito de ideias e ideologias é não só reconhecido como bem-vindo. Os protagonistas variados não querem colmatar as divisões que os separam – querem ganhar! Durante o século passado, a humanidade acumulou evidência ampla sobre a eficácia das ideologias políticas diferentes. Nos seus esforços para darem provas da sua competência, quase todas contribuíram em alguma medida para o progresso humano; mas é preciso admitir que também contribuíram para uma boa dose de sofrimento humano. Portanto, estamos agora numa

Será possível que a boa vontade cooperativa seja, de facto, não apenas um caminho realista para um futuro melhor, mas talvez, de forma mais significativa e provavelmente, a única forma de alcançar esse futuro?

situação em que as várias soluções para os males sociais e económicos, sejam de esquerda, do centro ou de direita, sejam democráticas, ditatoriais ou teocráticas, foram de uma forma geral experimentadas e consideradas deficientes. Por um lado, iniciativas criativas tendem a ser afogadas num mar de burocracia e dogma; por outro, a ideia do *laissez-faire* [N.T.: deixar fazer] do mercado livre criou um mundo onde aqueles que já são ricos ganham cada vez mais e os desfavorecidos tendem a mergulhar ainda mais numa pobreza alienadora. A longo prazo, ninguém vence neste mundo de ideias conflituosas, muitos sofrem e, adicionalmente, a Natureza fica extremamente empobrecida. Para além disto, há uma suposição generalizada de que uma ideologia ou teocracia em particular é a panaceia para todos os problemas humanos e deve ser imposta a todos, muitas vezes a ferro e fogo, para o bem futuro do mundo. Gente de boa vontade autêntica em todo o mundo pode ver agora com clareza que as várias ideologias tendem a errar o alvo e, às vezes, até transformar sonhos utópicos em distopias aterrorizadoras. Eles também vêm de forma igualmente clara a necessidade urgente de uma visão nova de espírito cooperativo no mundo da política.

Será possível que a boa vontade cooperativa seja, de facto, não apenas um caminho realista para um futuro melhor, mas talvez, de forma mais significativa e provavelmente, a única forma de alcançar esse futuro? Esta ideia leva-nos a perguntar sobre o que estará realmente na base do fracasso de todas as várias ideologias de estarem à altura dos seus ideais. Talvez esta descoberta possa apontar para uma técnica de progresso que funcione para todos. Isto pode ser certamente resumido numa palavra – motivação. Podemos afirmá-lo com segurança; a motivação é tudo. Quando a motivação é altruísta, para o bem comum e para elevar a sociedade a um estado espiritual e material melhor, por mais defeituoso e inadequado que seja o sistema político, as pessoas que o conduzem encontrarão uma maneira de o fazer funcionar razoavelmente. Inversamente, por melhor e mais bem projectado que seja um sistema político, se as pessoas que o conduzem o fizerem com o propósito egoísta de acumulação de riqueza e poder para fins da personalidade, então fracassarão. Em casos extremos, tais cenários poderão implodir finalmente na anarquia e crueldade de um estado fracassado.

Provavelmente, a maioria das pessoas pensaria que a polarização entre esquerda e direita é aquilo que precisa de ser colmatado. Mas, na realidade, é a polarização entre o presente e um mundo futuro que precisa urgentemente de ser colmatada, baseada na evocação de tudo o que há de melhor na humanidade. Podemos resumir isto em três ideias simples – relações humanas correctas, liberdade e sentido de responsabilidade. Para pessoas com convicção espiritual, esta é uma compreensão humana e a materialização do Plano divino para a humanidade e para o mundo. Vamos então considerar, em primeiro lugar, o que entendemos por este Plano e, em seguida, veremos que passos precisam de ser dados para avançar na sua direcção.

Podemos pensar no Plano como uma energia abrangente de amor e bondade que, como matriz, envolve todo o nosso planeta com a força que permite a evolução de todas as unidades de vida para atitudes de consciência cada vez mais inclusivas. Quanto à humanidade, isto significa um trabalho

constante em direcção a uma compreensão da alma e uma capacidade crescente de ancorar os seus valores e atributos na vida prática do dia-a-dia. Vale a pena lembrarmo-nos quais são eles. É claro que, ao longo dos séculos, foram resumidos de várias formas para se adequarem às muitas culturas mundiais e aos diferentes estados de desenvolvimento de consciência humana. Mas, para o mundo do século XXI, podemos resumi-los assim: amor, sentido de responsabilidade, identificação com o todo, amor à verdade, partilha altruísta, cura social, liberdade, modéstia em termos de posses materiais, alegria e até genialidade.

Podemos ver de imediato onde estão em falta a situação actual de políticas nacionais, relações internacionais e estruturas económicas. Elas tendem a privilegiar uns poucos em prejuízo de muitos. Geralmente dão prioridade ao interesse nacional próprio em detrimento dos interesses da humanidade como um todo. No momento actual (2018), esta característica está a ser infelizmente fortalecida, à medida que os países se voltam para si mesmos. Sectores inteiros da população em muitos lados do mundo estão a readoptar um espírito nacionalista separatista. Isto também se reflecte numa tendência crescente para repudiar o espírito de internacionalismo que, apesar de conflitos não resolvidos e persistência de objectivos e métodos da personalidade, existiram como um ideal poderoso nas décadas a seguir à II Guerra Mundial. Esta é uma tendência preocupante que não inspira confiança no futuro.

Uma das razões pelas quais o internacionalismo está a ser rejeitado por tantos é estar associado, na mente das pessoas, à globalização do capital e do comércio, que organiza as suas actividades à volta da evasão fiscal, insegurança estrutural no trabalho e irresponsabilidade ambiental. Mas talvez o mais importante de tudo é eles não serem responsabilizados politicamente por alguém. As pessoas têm a sensação de estarem a transformar-se apenas em peões dispensáveis nos jogos dos oligarcas e dos muito ricos.

No entanto, este é apenas um dos lados da questão. Há também um sem número de milhões de pessoas em todos os países a reconhecer que o caminho melhor para um bom futuro é uma cooperação sadia baseada na percepção da unicidade da humanidade. Elas sabem que um compromisso renovado com o ideal internacionalista reflecte não apenas essa unidade, sendo também essencial para alcançá-lo. Sabem também que unidade não significa uniformidade. Diversidade e multiplicidade são a nota-chave da Natureza. Talvez isto possa servir como tema ao explorarmos um caminho a seguir.

É claro não competir a um boletim de boa vontade produzir um manifesto político, nem deve tentar fazê-lo: esse é o trabalho dos especialistas no campo político, que se elevaram acima da ambição pessoal e do amor ao poder, cujos corações estão atentos à necessidade humana em todo o mundo. Mas podemos e devemos delinear os princípios que devem subjazer às muito diferentes abordagens experimentais.

Internacionalismo Participativo

Precisamos primeiro de um internacionalismo participativo novo e credível. Assim como as pessoas investem energias, ideias e visões na comunidade local, e em maior escala na nação, precisamos também de viabilizar isto numa escala maior. Porém, se as dificuldades enfrentadas pela UE são tão desafiadoras, que esperança pode haver para uniões ainda maiores? Talvez estejamos a olhar para isto de maneira errada. A união política e económica é condicionada por coisas como a geografia, identidade cultural e contexto religioso.

A União Europeia é talvez a tentativa mais recente da humanidade para tal. É uma experiência em

andamento e ninguém pode prever como se revelará o seu futuro. Muitos, cuja identificação ainda não vai além da fronteira do seu próprio país, esperam que ela fracasse. Muitos mais estão determinados em que tenha êxito. No entanto, ela está a proporcionar à humanidade um protótipo funcional sobre a forma como nações muito individualistas podem ceder voluntariamente algum nível de soberania para o bem maior do todo. É o eufemismo do século dizer que isto não tem sido fácil. Está a funcionar, no entanto. O desenvolvimento das ciências, artes e vida económica de todos os países da UE, analisado objectivamente, é uma das conquistas principais das últimas sete décadas.

Actualmente, num nível global mais amplo, este tipo de união é claramente irrealista. Parece que a única via possível para nos aproximarmos da unidade mundial neste momento deve ser baseada numa união de valores que, ao invés de diminuir, aumentará a ampla diversidade da experiência, tradição e idealismo humanos. Também mostrará como esta riqueza de diversidade não é exclusiva e separatista; pelo contrário, irá iluminar a forma como todos contribuem para a saúde e riqueza do todo maior.

A Regra de Ouro

Felizmente para a humanidade, estes valores aparecem de forma surpreendentemente semelhante em todas as culturas e religiões. Eles são chamados a "Regra de Ouro" – ‘Comporte-se com os outros como gostaria que eles se comportassem consigo.’ Isto só se torna possível quando reconhecemos nos corações e mentes que ‘o outro’, seja onde estiver no mundo, é nosso vizinho.

Este princípio precisa de fundamentar uma ciência de relacionamentos



novos que se estenderá dos laços individuais da família

e amizades pessoais até ao nível global. Combina de uma forma simples e bela tanto a liberdade como a responsabilidade. Reconhece a integridade e o valor essenciais no mundo de cada indivíduo e da comunidade, mantendo a porta aberta para a realidade de todos poderem contribuir para o bem do todo e cada parte poder igualmente receber a protecção e os cuidados necessários desse todo maior. É um exercício maravilhoso pensar sobre o significado disto, mesmo em escala pequena, se este princípio governasse as relações nacionais e internacionais.

A ONU

Mais uma vez, felizmente para a humanidade, já foram concretizados nesse sentido muito trabalho útil, ensaios e experiência prática, através das actividades dos vários organismos internacionais de cooperação criados pela humanidade, em particular as Nações Unidas e as suas agências especializadas. Sendo instituições humanas, são necessariamente imperfeitas – como os seus detractores fazem questão de assinalar com frequência. Todavia, as falhas podem ser corrigidas e serem desenvolvidas estruturas melhores, à medida que a visão da interdependência humana se torna mais claramente definida. Juntos, eles apontam certamente para um futuro melhor para todos.

Há também um sem número de milhões de pessoas em todos os países a reconhecer que o caminho melhor para um bom futuro é uma cooperação sadia baseada na percepção da unidade da humanidade. Elas sabem que um compromisso renovado com o ideal internacionalista reflecte não apenas essa unidade, sendo também essencial para alcançá-lo. Sabem também que unidade não significa uniformidade.

Mas terá a humanidade sabedoria e determinação para prosseguir um rumo ao longo deste caminho? Esta é a grande questão do nosso tempo. É aqui que o cultivo de uma boa vontade prática é tão importante. A boa vontade ou bondade inata encontra-se no coração de cada pessoa sem excepção, embora deva ser dito que, em relação a alguns, é necessário escavar bastante para encontrá-la! Mas ela pode ser evocada como vivência prática na grande maioria das pessoas quando a visão da unidade humana e os benefícios de uma ordem mundial cooperativa são articulados de forma correcta e persistente, uma tarefa em parte responsabilidade dos *media*, tanto os tradicionais, como os sociais. Este é o caminho para colmatar as polarizações que deterioram a expressão do melhor lado da natureza humana e impedem o progresso ao longo do percurso divinamente ordenado de liberdade, amor e responsabilidade.

As pessoas sustentam o céu inteiro

QUE SIGNIFICA DIZER alguém ser homem ou mulher? Esta pergunta pode parecer ridícula – todos sabem certamente, pelo menos em si mesmos, o QUE são, porque as diferenças biológicas são (normalmente) óbvias. No entanto, por mais de 2000 anos, foi reconhecido, primeiro sob o nome de hermafroditismo, e, desde o século XX, sob o nome de intersexualidade, que uma pequena proporção de seres humanos pode exibir traços de ambos os sexos num corpo; e em muitas sociedades tradicionais, há nomes para pessoas que podem ser consideradas como pertencentes a um terceiro sexo. Estes factos devem fazer-nos parar antes de afirmarmos que masculinidade e feminilidade são categorias fixas e distintas. E também podemos reflectir como, tanto antes da puberdade como após a meia-idade, as diferenças na composição hormonal podem levar os indivíduos de um sexo a exibir algumas características típicas do outro sexo – basta pensar na voz alta e cristalina de um rapaz soprano.

Tanto em relação aos factores físicos – e que dizer dos psicológicos e sociais? Existirá um sentido para o qual o género está todo na mente – ou na cultura? É sobrejamente conhecido que culturas diferentes criam e mantêm expectativas diferentes quanto aos papéis a desempenhar na sociedade para indivíduos masculinos e femininos. Uma parte significativa disto pode provir da religião predominante dessa cultura – mas uma mulher muçulmana na Arábia Saudita tem uma gama de liberdades diferente de uma mulher muçulmana na Indonésia, por isso a religião é apenas parte da história.

E os pensamentos e sentimentos de cada indivíduo? Nos séculos anteriores, nascer num corpo masculino ou feminino era algo que não podia ser alterado, independentemente do que a pessoa ‘interiormente’ pudesse querer. Mas, desde o século XX, isto já não é verdade, tornando-se cada vez mais sofisticados os procedimentos médicos de mudança de sexo. No entanto, sujeitar-se a estes procedimentos físicos é um passo muito importante, para não falar das dificuldades mentais e emocionais que podem surgir decorrentes da oposição dos outros. Portanto, quem escolhe este caminho



difícil deve ter certamente um motivo muito forte para fazê-lo. Nas suas mentes, algum aspecto essencial da identidade deve estar ligado ao sexo físico ‘oposto’ do dos seus corpos originais.

Os leitores, neste momento, podem estar a perguntar-se sobre o que têm a ver estas reflexões de género e sexo biológico com o tema da polarização. A resposta reside no momento cultural encapsulado no aparecimento do *#MeToo* e *Time's Up*. Estas expressões novas do activismo feminista necessário focam-se nos problemas estruturais de abuso sexual, assédio e desigualdade no local de trabalho e noutros lugares que têm feito parte da experiência das mulheres, e, na maior parte do mundo, uma fonte de dor profunda durante séculos. Eles criticam o comportamento e estruturas colectivas, podendo ser rotuladas como patriarcais, bem como as acções e atitudes de homens individuais, sob a designação abrangente ‘masculinidade tóxica’. Ao fazê-lo, pode-se argumentar que estão a aumentar o sentido de polarização dentro da sociedade, destacando as diferenças entre mulheres e homens e enfatizando queixas e equívocos entre os sexos.

Mas esta é certamente uma má interpretação, vendo o poder crescente do feminino através de uma lente distorcida que vê toda a interacção humana como tendo apenas vencedores e vencidos, vítimas e agressores. É retornar à imagem antiquada e antiga da ‘batalha dos sexos’, quando uma compreensão aprofundada das tensões emergentes nas relações entre géneros deveria permitir-nos uma visão mais subtil e esperançosa. É necessária alguma medida de polarização para surgir um equilíbrio novo – e isso parece ser o que está a acontecer.

Tomemos, por exemplo, o debate crescente à volta do consentimento nas relações sexuais. Isto parte da mensagem amplamente compreendida "não, significa não", esperando que os homens comecem a perceber e a respeitar sinais mais subtis, alguns não-verbais, que as mulheres possam enviar para mostrar a sua relutância em aceitar um envolvimento mais íntimo. Questões como estas, que destacam a relação masculina com o poder e com a comunicação não-verbal nas relações, abordam algumas das estruturas mais subtis da consciência que sustentam as desigualdades sociais e económicas. Como tal, encontrar formas de educar os homens a reconhecer e respeitar estes sinais não-verbais e, depois, exercer a contenção devida, deve melhorar não apenas as relações individuais entre mulheres e homens, mas também ajudar a fazer mudanças estruturais no local de trabalho e na vida diária.

A questão do consentimento talvez não tivesse surgido tão rapidamente se não fosse, por um lado, o movimento *#MeToo* (que se concentra principalmente em casos mais inequívocos de agressão sexual que já foram varridos para debaixo do tapete), por outro, o facto de que, e de acordo com algumas pesquisas focadas nos EUA, as mulheres estão agora a sair-se melhor do que os homens numa série de medidas económicas e educacionais, podendo portanto estar bem posicionadas para serem menos tolerantes perante padrões antigos de comportamento. As relações entre homens e mulheres estão a sofrer mudanças dramáticas, estando isto a afectar ambos os sexos. A escritora e apresentadora Hanna Rosin, no seu livro *The End of Men* (N.T.: "O Fim dos Homens"), observa como, pelo menos em certas classes socioeconómicas, isto está a levar a um aumento de mães solteiras, porque as mulheres estão a decidir simplesmente que já não precisam de homens para as sustentar. Isto está também ligado ao declínio dos empregos do sector da indústria e ao crescimento da economia de serviços, o que favorece relativamente as capacidades de prestação de cuidados e relacionais onde as mulheres desde sempre se destacaram. Em termos simples, o papel tradicional de um homem como principal sustento da casa está em processo de erosão, o que deve, a longo prazo, levar a uma transformação saudável na identidade masculina. Este papel de provedor, examinado mais profundamente, funcionava numa economia capitalista como um substituto parcial do papel biológico do homem como protector. Assim, o significado psicológico de uma erosão do papel de provedor é, da mesma forma, mais importante do que parece à primeira vista. Os homens estão a

enfrentar uma crise existencial na sua identidade, pois se eles já não são necessários para prover ou proteger, então que papel podem agora desempenhar? Isto pode explicar o aparecimento de grupos que se concentram em redefinir a masculinidade, tais como “Rebel Wisdom” (1; *N.T.: Sabedoria Rebelde*), “Promundo” (2; *N.T.: Pró-Mundo*) e “Next Gen Men” (3; *N.T.: Homens da Próxima Geração*). É importante afirmar que estão a mudar os papéis, quer dos homens quer das mulheres, permitindo que se ajudem mutuamente no caminho para descobrir o que a feminilidade e a masculinidade significam agora.

Claro que as diferenças biológicas e hormonais não irão desaparecer (embora se suspeite que a poluição devida a substâncias químicas artificiais como o BPA, que imitam o efeito dos estrogénios, afecte essas diferenças) (*N.T.: “BPA” ou Bisfenol A é uma substância química utilizada na produção de plásticos e resinas*); mas o campo psicológico e social está a mudar debaixo dos nossos pés. Clamam por cura e transformação os séculos de trauma que as mulheres suportaram. No entanto, enquanto a cristalização do papel masculino como principal provedor era um produto doentio e opressor do ‘patriarcado’, a sua dissolução, mesmo que gradual e parcial, também é, de uma forma menos dramática, traumática para muitos homens em particular. No meio disto, multidões vastas de homens e mulheres estão a enfrentar a necessidade de mudança. A realidade é estar inevitavelmente repleto de dificuldades o caminho para relações saudáveis e equilibradas entre os sexos. Talvez estejam melhor posicionadas para ajudar a curar este trauma as mulheres, com a sua compreensão mais profunda das emoções e das relações, as quais sofreram mais historicamente.

Portanto, a questão é: podemos, como homens e mulheres, encontrar formas de afirmar as características positivas geralmente associadas a cada género, sem cair na armadilha de repetir papéis e estruturas estereotipadas? Tomemos por exemplo a ideia de agressão – conseguiremos encontrar maneiras de canalizar positivamente esta energia na sociedade (nas formas feminina e masculina), re-imaginando-a como o espírito ousado e aventureiro que procura mudanças dinâmicas e positivas? Estamos neste momento confrontados com uma série de crises globais que beneficiariam de tal espírito, expresso por mulheres e homens. A mudança climática precisa claramente, não apenas de mudanças graduais, mas de medidas ousadas e até arriscadas; é evidente que o sistema económico actual não funciona para a maioria, e, para haver justiça e igualdade, não é suficiente fazer apenas remendos superficiais. E a ideia de nutrir, que pode ser estereotipada como passiva, também é de facto necessária, visto sustentar e regenerar as nossas relações com os outros Reinos da Natureza, reinventando criativamente formas de viver em comunidade uns com os outros. Se isto parecer estar apenas a repetir a sabedoria do Tao, que os dois pólos se complementam para produzir harmonia – bem, há uma razão pela qual essa sabedoria é chamada 'sem idade'! É impossível avançar quando a polarização é entendida como dois pontos de oposição fixa: mas o movimento e a evolução acontecem naturalmente quando é reconhecida como uma dança fluida entre os pólos.

Obviamente, não faz sentido fingir que o progresso nesta área virá facilmente. Por exemplo, a questão dos Direitos Humanos em relação a género e sexualidade é tão controversa que as Nações Unidas ainda não conseguiram chegar a uma Declaração formal (foram feitas propostas em 2008 e 2011). Há, no entanto, sinais de esperança. Numa reunião internacional de grupos de direitos humanos que se reuniram em Jogjacarta, Indonésia, em Novembro de 2006, foi criado um documento que poderá servir como semente para uma Declaração futura. Atualizado em 2017, os princípios

Quando somos capazes de mudar voluntariamente para a alma o sentido de identidade para além do corpo, sentimentos e mente, podemos começar a apreciar que os ‘opostos’ de género formam um todo sintético e podemos direccionar a energia ilimitada do espírito em serviço para o mundo.

de Jogjacarta (4) procuram aplicar os princípios da lei de direitos humanos internacionais para abordar o abuso de direitos humanos de lésbicas, homossexuais, bissexuais, transgénero e pessoas intersexo – noutras palavras, todos que não encaixam ordenadamente nos estereótipos tradicionais de género e sexualidade.

Em última análise, não somos todos nós, mulheres, homens e todos os pontos intermédios ou para além, que procuramos ser conhecidos por quem realmente somos e pelo que podemos contribuir para o todo? Não buscamos a expressão livre de nosso núcleo espiritual, a alma, através dos veículos físicos, emocionais e mentais, independentemente do género? Quando somos capazes de mudar voluntariamente para a alma o sentido de identidade para além do corpo, sentimentos e mente, podemos começar a apreciar que os ‘opostos’ de género formam um todo sintético e podemos direcionar a energia ilimitada do espírito em serviço para o mundo. Podemos, então, entender ‘masculino’ e ‘feminino’ simplesmente como uma abreviação conveniente para certas constelações de qualidades que podem ser livremente usadas à-vontade. Quando este estado de ser for a regra geral, poderemos alargar o pensamento de Mao "As mulheres sustentam metade do céu" para o pensamento e para a realidade alcançada de que "As pessoas seguram o céu inteiro."

1. www.rebelwisdom.co.uk
2. <https://promundoglobal.org>
3. <https://nextgenmen.ca>
4. <http://yogyakartaprinciples.org>

Construindo a Comunidade: Fazendo a ponte entre as Divisões de Identidade Cultural

ESTE É UM PERÍODO PREOCUPANTE para muitas pessoas de boa vontade inteligente. Problemas de divisão e polarização nas áreas de religião, etnia, raça e cultura podem ser profundamente perturbadores para quem reconhece a unidade fundamental da vida. Quando esta unidade parece ser negada, por vezes em linguagem muito agressiva, por grupos de comunidades de maiorias e minorias favorecendo activamente as suas próprias agendas culturais e religiosas, é especialmente desafiador encontrar um meio-termo que faça a ponte entre as divisões, permanecendo fiel aos valores universais. Abordar questões preocupantes (educação, cuidados de saúde, policiamento, desemprego, etc.), apenas através das lentes de grupos raciais ou religiosos rivais, dificulta o fluir nas relações de confiança, ou boa vontade ou respeito simples. A polarização tem, na vida nacional, um efeito similar a uma artéria bloqueada – interrompe a circulação da mistura plena de energias necessárias para um sistema saudável.

Vivemos numa era cada vez mais interdependente. Enquanto muitas comunidades à volta do mundo continuam a ser relativamente homogéneas, cultural e religiosamente, outras estão a tornar-se mais diversificadas e misturadas. Um número maior de pessoas está a deslocar-se através das fronteiras e por todo o mundo, sendo improvável que esse movimento pare. O Pacto das Nações Unidas sobre Migração, a ser adoptado em breve pelos países participantes, após ampla discussão e negociação, reconhece isto e procura desenvolver uma abordagem que os governos possam usar como base para a cooperação e coordenação.

Este é agora um momento desafiador. As culturas estão em fricção umas com as outras, muitas vezes convivendo no mesmo espaço, durante um período de mudanças rápidas e de incerteza política e económica. Indivíduos e sociedades estão sob tensão significativa. Na maioria dos países ocidentais, empregos seguros, estáveis e satisfatórios estão a tornar-se cada vez mais difíceis de encontrar para os operários. As vidas estão a ser perturbadas pela mudança rápida dos costumes (por exemplo, em relação ao género e orientação sexual); o uso generalizado de linguagem insolente nos *media* sociais e debates nacionais; e uma perda de confiança nas instituições religiosas que no passado ajudaram a grande massa da população a lidar com a mudança. Num tempo em que o desejo por ‘coisas’ maiores, melhores e mais fascinantes é estimulado constantemente

por economias baseadas em competição e crescimento, os salários em geral têm estado estagnados, se não em declínio, para a maioria das pessoas – enquanto um grupo de elite colhe aparentemente todos os benefícios financeiros do aumento do comércio. A qualidade de vida em áreas básicas como saúde, educação e habitação parece estar numa espiral descendente para a grande maioria. Não é de surpreender que o futuro pareça sombrio para o comum das pessoas. Nesta situação, é inevitavelmente intensificado o conflito entre culturas dentro das nações (e mesmo dentro de cidades e localidades). Isto reflecte a transição agora bem encaminhada, de uma era de separação para uma era de síntese. A transição é tema confuso, envolvendo dor e perda. O sofrimento deve ser equilibrado por uma visão crescente de possibilidades futuras. No entanto, esta visão tem estado sobre-politizada e expressa em frases simplistas sonantes. Esta visão da cooperação que poderá ser alcançada precisa de ser agora enunciada com clareza e fogo espiritual para ser aproveitada pela imaginação popular.



O sentido percebido, ampla mas não universalmente, de pertença a Uma Humanidade e a Uma Vida inclui um reconhecimento da singularidade de cada ser humano individual e da diversidade rica de culturas, crenças e modos de vida – cada um com as suas próprias qualidades e desafios. Este sentido de unicidade inclui um reconhecimento de que uma comunidade mundial está em processo de emergir, parte de uma Grande Viragem rumo a uma era de interdependência. Antes do Brexit e da ascensão recente do nacionalismo popular, o espírito multicultural e pluralista foi considerado por muitos para definir a nova era para a qual a humanidade se encaminha. Mas há neste momento uma atmosfera na vida pública a questionar esta abertura à diversidade e a sugerir cinicamente tratar-se de uma ideologia disseminada por elites culturais; nada mais do que rectidão política ou cultural a mascarar a realidade de uma separação inerente à natureza humana.

Está a ser mais testada do que nunca a visão de boa vontade de cooperação entre elementos diversos para enfrentar todos os desafios de uma era interdependente. É certamente algo bom a longo prazo. Quem procura abordar a fonte dos problemas de divisão racial e religiosa é forçado a aprofundar a sua compreensão e prática de acção correcta; para ‘ver’ verdadeiramente cada participante em qualquer disputa local ou nacional (honrando a sua individualidade e identidade de grupo e procurando entender a fonte da sua raiva, mágoas e medos); ir além dos chavões simplistas e desenvolver capacidades para transpor diferenças culturais por formas que abordem o medo entre todas as comunidades envolvidas. Reconhecer que o conflito e a polarização existem é o primeiro passo em qualquer exploração honesta da resolução de conflitos, conectando-se com valores universais comuns de bondade, beleza e verdade. Para além do grito sonoro e às vezes violento de motes oriundos de todos os lados de divisões culturais, está a acontecer uma grande quantidade de procura espiritual. E isto está a encontrar expressão nos esforços intensos para compreender o medo do outro e a dor herdada imbuída na maioria das questões de conflito racial e religioso. Está também a provocar uma reflexão generalizada sobre a natureza da identidade cultural e do seu papel para contribuir para uma identidade nacional forte e confiante, que poderá depois ser parte de um sentido forte de identidade humana partilhada. A visão multicultural está a ser reavaliada com este entendimento. Isto está a acontecer a nível local, nacional e global em todo o mundo; tal como acontece através de iniciativas nas áreas do direito, educação, assuntos comunitários e todas as profissões. Há muitos exemplos, incluindo o “Civil Rights and Restorative Justice Project” (1; N.T.: *Projecto de Direitos Cívicos e Justiça Restauradora*) na *Northeastern University* em Boston, que se tornou uma fonte de recursos para os esforços dentro dos EUA na promoção de oportunidades baseadas em diálogo para a reconciliação racial; e um projecto da UNESCO (2) que está a ser desenvolvido através de programas piloto na Áustria, Zimbábue, Tailândia e Costa Rica, formando professores no desenvolvimento de capacidades de diálogo intercultural entre os seus alunos.

Um caminho a seguir dentro deste ambiente, para quem está desanimado com o debate polarizado entre grupos culturais, é assumir a responsabilidade de criar atmosferas de cooperação à volta de desafios comuns vi-

Vivemos numa era cada vez mais interdependente. Enquanto muitas comunidades à volta do mundo continuam a ser relativamente homogêneas, cultural e religiosamente, outras estão a tornar-se mais diversificadas e misturadas.

venciados por pessoas de todos os grupos étnicos e religiosos. Isto não significa sugerir que os leitores deste Boletim precisem de ser chamados para alguma forma de ‘activismo’ político ou comunitário. Alguns já estão envolvidos nisto à sua maneira; mas, para outros, ‘assumir a responsabilidade pela criação do novo’ pode concentrar-se na observação real do que está a acontecer no mundo das relações interculturais; pensar no potencial de cooperação no seu próprio ambiente, ou em qualquer campo de actividade (religião, saúde, direito, etc.) em que estejam interessados. O objectivo deste pensar vivo seria perceber as áreas em que a cooperação está a florescer, vendo-o na expressão humana distorcida (lutando para ver através de fascínios e ilusões profundamente arraigados que levarão tempo para serem dissipados).

Em gerações anteriores, as lutas de sindicatos, sufragistas e movimentos pelos direitos civis permitiram a organização e mobilização de forças populares de boa vontade, levando a um progresso significativo na qualidade de vida das pessoas. O filósofo Kwame Anthony Appiah sugere que as políticas de identidade de hoje sejam “reformuladas” criativamente para poderem ser “mais produtivas” e menos antagónicas, unindo as pessoas interessadas em movimentos, experimentando formas de colmatar as lacunas de desigualdade; assegurar que “ninguém seja deixado para trás” como a ONU está a procurar fazer; e lutar por escolas melhores, acesso melhor aos cuidados de saúde e aumento de segurança nos bairros violentos. Movimentos como o grupo de acção climática 350.org têm o potencial de unir pessoas de boa vontade das comunidades maioritárias e minoritárias e estas disputas são importantes como uma forma de ‘pessoas comuns’ se envolverem na construção de um mundo melhor para todos.

Embora uma atmosfera de boa vontade evite o partidarismo e desvie a atenção da crítica, ela desperta naturalmente uma vontade popular de criar um mundo melhor e uma confiança na possibilidade de que melhores escolas ou melhor atendimento de saúde ou trabalho mais satisfatório podem ser conseguidos para a maioria e para as comunidades minoritárias; e que pode ser feito um progresso significativo na próxima década, se for isto o que pessoas suficientes quiserem de facto. Aqueles que partilham esta vontade para o bem do todo precisam de ser capazes de debater, discutir e negociar a melhor forma de avançar; e fazê-lo de formas que reconheçam um propósito comum e partilhem o respeito pelas diferenças.

Talvez o item mais importante e positivo a ser referido sobre como fazer a ponte entre as divisões de identidade cultural seja o facto de existirem agora mais iniciativas transformadoras que criam espaços para a procura da alma, diálogo e acção nesta área do que em qualquer outro momento da História. Elas não são simplesmente noticiadas. Mas uma pesquisa online revelará inúmeras iniciati-

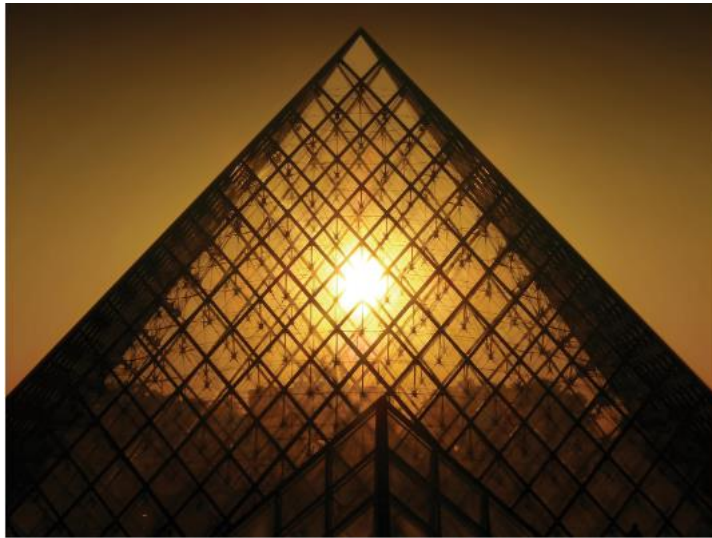


vas bem estabelecidas e influentes na resolução de conflitos inter-raciais e inter-religiosos, operando em níveis local, nacional, regional e global. Estes incluem as Estratégias de Transformação de Conflitos (3) e os Recursos de Cura Racial (4) com um conjunto de ferramentas testadas e comprovadas para escolas e comunidades se envolverem em diálogo com grupos oponentes, que vai para além do âmbito do conflito e visando a compreensão, levando frequentemente a acções partilhadas. A ONG *Search for Common Ground* (5; N.T.: *Busca de Terreno Comum*) desenvolveu programas numerosos em todo o mundo, usando práticas tais como

a **Escuta activa**, assegurando-se que os outros *se sintam ouvidos e* reconhecidos; procurando **entender os interesses subjacentes dos outros** para além das suas posições assumidas; **evitar suposições sempre que possível e verificar suposições quando elas estiverem presentes**. A nível internacional, a Aliança de Civilizações das Nações Unidas (6) tem programas bem estabelecidos focados em diálogo, compreensão e cooperação interculturais. Em 2017, o Secretariado da Commonwealth estabeleceu uma Unidade (7) para apoiar estratégias nacionais para contrariar extremismo violento entre os 53 estados-membros da Commonwealth. Isto faz brilhar uma luz mais adiante na multiplicidade de iniciativas destinadas a fomentar abordagens profundas ao trabalho de colmatar divisões entre culturas, para haver cooperação para o bem comum.

1. <http://rjp.umn.edu/projects/race-relations-and-restorative-dialogue-resource-site-nationwide-efforts-promoting-dialogue>
2. <https://en.unesco.org/news/building-intercultural-skills-austria>
3. <https://racialequitytools.org/act/strategies/conflict-transformation>
4. <https://racialequitytools.org/act/strategies#ACT18>
5. <https://www.sfcg.org/what-exactly-is-the-conflict-around-race/>
6. <https://www.unaoc.org>
7. <http://thecommonwealth.org/countering-violent-extremism>





O Mantram de Unificação

As almas de todos são um e eu sou um com elas.

*Procuro amar, não odiar;
Procuro servir e não exigir serviço;
Procuro curar, não ferir.*

*Que a dor traga a recompensa devida de luz e amor.
Que a alma controle a forma exterior, a vida e todos os acontecimentos,
E traga à luz o amor subjacente a todos os acontecimentos presentes.*

*Que venham a visão e a percepção interior
Que o futuro seja revelado.
Que a união interior seja demonstrada e as clivagens exteriores
desapareçam.
Que o amor prevaleça. Que todos os homens amem.*

A GRANDE INVOCACÃO

Versão adaptada

Do ponto de Luz na mente de Deus
Que a Luz afluxa às mentes dos homens
Que a Luz desça sobre a Terra.

Do ponto de Amor no Coração de Deus
Que o Amor afluxa aos corações dos homens
Possa Cristo regressar à Terra.

Do centro em que a Vontade de Deus é conhecida
Que o desígnio guie a fraca vontade dos homens
O desígnio que os Mestres conhecem e servem.

Do centro a que nós chamamos a raça dos homens
Que o plano de Amor e de Luz se realize

E possa selar a porta onde reside o mal.

Que Luz, Amor e Poder restabeçam o Plano sobre a Terra.

Do ponto de Luz na mente de Deus
Que a Luz afluxa às mentes dos homens
Que a Luz desça sobre a Terra.

Do ponto de Amor no Coração de Deus
Que o Amor afluxa aos corações dos homens
Possa Aquele que Virá* regressar à Terra.

Do centro em que a Vontade de Deus é conhecida
Que o desígnio guie a fraca vontade dos homens
O desígnio que os Mestres conhecem e servem.

Do centro a que nós chamamos a raça dos homens
Que o plano de Amor e de Luz se realize
E possa selar a porta onde reside o mal.

Que Luz, Amor e Poder restabeçam o Plano sobre a Terra.

* Muitas religiões acreditam num Instrutor Mundial Que deve vir no futuro (daí "Aquele Que Vem"), conhecendo-O sob nomes como o Senhor Maitreya, o Iman Mahdi, o avatar Kalki, etc. Esses termos são às vezes usados em versões da Grande Invocação para pessoas de religiões específicas.

Créditos de imagem:

Na p. 1: Kim Paulin, <https://www.flickr.com/photos/axlape/1463432010/in/album-72157602209067430/> (CC BY-NC-SA 2.0 licence)

Em "As pessoas sustentam o céu inteiro" Polaridades: Yin and Yang ©Millicent Hodson

Em "Construindo a Comunidade: Fazendo a ponte entre as Divisões de Identidade Cultural" Marco Verch

Na p. 9, <https://www.flickr.com/photos/30478819@N08/21464593154/in/album-72157659643913076/> (CC BY 2.0 licence); and Shutterstock, ValeStock, www.shutterstock.com

Na p. 12 "O Mantram de Unificação" Shutterstock, Hibiki Nakata, www.shutterstock.com

AUXÍLIO NA CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES HUMANAS CORRECTAS

A Boa Vontade Mundial é um movimento internacional que auxilia na mobilização da energia de boa vontade e no estabelecimento de relações humanas correctas. Foi fundado em 1932 como actividade de serviço da Lucis Trust. A Lucis Trust é uma corporação de caridade educacional sem fins lucrativos e isenta de impostos; na Suíça encontra-se registada como associação sem fins lucrativos. A Boa Vontade Mundial é reconhecida pelas Nações Unidas como Organização Não-Governamental, sendo representada em sessões de esclarecimento regulares que têm lugar na sede das Nações Unidas. A Lucis Trust encontra-se incluída na Lista Oficial do Conselho Social e Económico das Nações Unidas.

Excepto quando indicado, todos os artigos são preparados pelos membros da equipa da Boa Vontade Mundial. Estão disponíveis múltiplas cópias em: holandês, francês, alemão, grego, italiano, português (online), russo, esloveno e espanhol.

A Boa Vontade Mundial depende exclusivamente de donativos para manter o seu trabalho. O boletim é distribuído livre de encargos para o disponibilizar tão amplamente quanto possível, sendo sempre necessários donativos para este serviço, os quais são muito apreciados.

worldgoodwill.org é o endereço da Boa Vontade Mundial na Internet. O boletim original encontra-se disponível neste sítio. A versão portuguesa em www.gem.org.pt

3 Whitehall Court
Suite 54
London SW1A 2EFUK

Email: worldgoodwill.uk@lucistrust.org

Rue du Stand 40
Case Postale 5323
1211 Geneva 11 SWITZERLAND

Email: geneva@lucistrust.org

866 United Nations Plaza
Suite 482
New York NY 10017
USA

Email: worldgoodwill.us@lucistrust.org